

GEORGE LEGMANN¹

(Kaufering, Dachau, Alemanha, 1944)



George Legmann, S. Paulo, 9.11.2013.
Reproduzido de vídeo gravado por Laís Rigatto
Cardilo.
Acervo: Legmann/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Entrevista concedida por George Legmann a Maria Luiza Tucci Carneiro e Rachel Mizrahi, no Clube A Hebraica, em S. Paulo, 9.11.2013. Vídeo e áudio: Laís Rigatto Cardilo. Transcrição: Juliana Spagnol Sechinato. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Maria Luiza Tucci Carneiro. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro.

Uma história singular

Meu nome é George Legmann, nasci em 8 de dezembro de 1944, no subcampo de Dachau, chamado Kaufering.^A Esta minha história foi reconstituída com base no relato da minha mãe e de outros familiares, sendo os fatos confirmados com documentos que, anos mais tarde, recolhemos em arquivos na Alemanha. Esta história, que eu ouvia desde pequeno, ficou ainda mais dramática quando minha esposa Irene reconheceu a fotografia de minha mãe no livro alemão *Landsberg: Um lugar como qualquer outro* –, que traz fotografias de 1923 a 1958.

Creio que sou hoje o sobrevivente do Holocausto mais jovem do Brasil, posição que abriu discussões exacerbadas com outros sobreviventes que afirmavam: “Crianças nunca nasceram nos campos!”. Hoje, sabemos que não foi bem assim. Aqui estou com a equipe Arqshoah para deixar a minha história gravada para o projeto *Vozes do Holocausto*, coordenado pela Profa. Tucci Carneiro.

Minhas raízes húngaro-romenas

Sou filho de Josif Legmann e Elisabeta Török Legmann. Meus avós maternos chamavam-se Regina Török e Moises Török; e meu tio, Alexandre Török. Eram judeus de origem húngaro-romena, oriundos da Transilvânia, região localizada na fronteira da Romênia com a Hungria. Esse território sempre foi considerado romeno, mas, devido ao Tratado de Viena de 1940, quando a Hungria aliou-se ao Eixo, ficou determinado que aquela região da Romênia (a Transilvânia) ficasse para os húngaros. As tropas *horthystas* húngaras

A- Dachau foi criado em março de 1933, nas dependências de uma fábrica abandonada de munição, próxima à parte nordeste da cidade de Dachau, a 15 quilômetros ao noroeste de Munique, no sul da Alemanha. Dachau foi o primeiro campo de concentração regular para prisioneiros políticos assentado pelo governo nacional-socialista. Abrigou alemães comunistas, social-democratas, sindicalistas, Testemunhas de Jeová, ciganos roma, homossexuais, judeus e criminosos comuns. Transformou-se em um centro de treinamento para os SS e modelo para os demais campos. No início de 1937 e em agosto de 1938, a antiga fábrica foi demolida e substituída por um enorme complexo de prédios nas dependências do campo original utilizando o trabalho forçado dos prisioneiros. Assim permaneceu inalterado até 1945, mantendo-se em funcionamento durante todo o período de duração do *Terceiro Reich*. Kaufering – onde nasceu George Legmann – era um dos 30 grandes campos satélites criados na segunda metade do ano de 1944 para garantir o aumento da produção de material bélico, usando os mais de 30 mil prisioneiros na fabricação de armamentos. Em 29 de abril de 1945, as forças norte-americanas libertaram Dachau e encontraram mais de 30 vagões lotados com corpos em estado de decomposição avançado. Em maio de 1945, as forças norte-americanas libertaram os prisioneiros que haviam sido levados para a marcha da morte. Mais informações estão disponíveis em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005214>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

invadiram essa região como aliados ao Eixo, atendendo ao pedido dos alemães. Os *horthystas* vinham em nome do almirante Horthy, um megalomaniaco. Assim, ocuparam todos esses territórios, claro, com o apoio dos nazistas, e também a cidade chamada *Cluj-Napoca* (em romeno), *Klausenburg* (em alemão) e *Kolozsvár* (em húngaro). Naquela região, falavam-se romeno, húngaro e alemão. Por isso, a minha família foi deportada. Meus pais foram deportados em 27 de abril de 1944, quando eu ainda não havia nascido.

Elisabeta Legmann estava grávida desde quando ainda vivia com seu marido, Iosif, em Cluj. Ela já havia tido duas gravidezes perdidas espontaneamente. Assim que ela soube que as tropas *horthystas* estavam vindo, procurou o seu ginecologista para abortar, mas ele havia sido preso dois dias antes. Alguns amigos a aconselharam a fugir imediatamente, mas não havia muitas opções para onde fugir – detalhes que não conheço exatamente. Infelizmente, não deu tempo: ela, junto com a minha avó materna (Regina Török), meu tio materno (Alexandre Török) e com meu avô materno (Moises Török) foram presos e levados para a fábrica de tijolos que ficava muito perto da cidade. Por que levaram todo mundo lá? Junto com Josif Legmann? Por quê? Porque lá passava a linha férrea, facilitando a deportação dos judeus da cidade que foram depois embarcados em um trem de transporte de gado com destino a Auschwitz-Birkenau.

Selecionados em Auschwitz-Birkenau

Chegando a Auschwitz-Birkenau,^A encontraram o Dr. Josef Mengele que estava na plataforma de Birkenau aguardando os

A- As fotografias que registram o processo de seleção dos prisioneiros Auschwitz-Birkenau devem ser incluídas entre as imagens mais cruéis registradas pelos nazistas durante o Holocausto. Cenas inacreditáveis, ainda que verdadeiras, podem ser encontradas no Álbum de Auschwitz, com 193 fotos, que, apesar de incompleto, mostra alguns momentos do processo de seleção naquela plataforma onde os deportados, em apenas alguns segundos, eram selecionados por médicos membros da SS para viver ou morrer. As fotografias foram realizadas por um SS em maio de 1944 e, depois, recuperadas por uma sobrevivente dos campos da morte, Lilly Jacob-Zelmanovic Meier, que as doou para o Yad Vashem, em Jerusalém. A seleção ocorria em segundos, sendo realizada por um pequeno grupo da SS, entre os quais se encontrava o Dr. Josef Mengele que decidia sobre a vida e a morte. Sobreviviam à seleção apenas 10% dos presos que chegavam em comboios e desembarcavam primeiro em Birkenau, um imenso campo de extermínio que fazia parte do complexo de Auschwitz. Um dos momentos de maior horror desse campo nazista na Polônia ocorreu durante a primavera e o verão de 1944, quando foram deportados, assassinados na sua maioria, cerca de 400 mil judeus húngaros, entre os quais estavam os familiares de George Legmann citados neste texto. Sobre o Álbum de Auschwitz, ver matéria publicada pelo jornal *El País* em 27 de janeiro de 2017, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html#1485359848_410460_1485360192>. Acesso em: 7 ago. 2017.

Vozes do Holocausto

prisioneiros para realizar a seleção. Segundo a lógica nazista, mulheres grávidas significavam um peso para o regime. Quando o pessoal desceu do trem, os guardas alemães orientaram os judeus sobre os procedimentos:



Judeus, na sua maioria provenientes da Hungria, aguardam pelo processo de seleção na plataforma de Birkenau. Fotografias produzidas por um membro da SS em maio de 1944, reunidas no Álbum de Auschwitz. Yad Vashem, Jerusalém, Israel.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/25/album/1485359848_410460.html#1485359848_410460_1485360192> e <https://todoestudo.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Selection_Birkenau_ramp.jpg>. Acesso em: 7 ago. 2017.

– Aqueles que tiverem dificuldades de andar ou algum problema de saúde, nós vamos colocar o caminhão à disposição para transportar vocês!

O meu avô Moises, que já tinha uma certa idade, e meu tio Alexandre, que havia machucado o pé com um prego dentro do trem, foram embarcados em um desses caminhões e levados diretamente para o crematório, sendo assim assassinados em Auschwitz-Birkenau, no mesmo dia da chegada. Da data exata eu não me recordo, mas foi na primeira semana de maio de 1944. Meu pai não chegou a ir a Auschwitz, porque ele se jogou do trem em marcha ainda na Hungria. Ele falou que ia procurar um médico para se salvar e que depois voltaria para buscar a família. Atirou-se do trem em marcha, pura e simplesmente. Depois ele foi preso pelos húngaros e acabou no *front* russo, de onde conseguiu fugir. Voltou para a Hungria, mas foi preso novamente e levado para um campo de trabalhos forçados. Como ele falava diversos idiomas, inclusive o italiano, serviu como intérprete para os alemães.

Retomando Auschwitz-Birkenau onde estavam Elisabeta, minha avó Regina e Alexandre Török. Assim que desceram do trem, segundo contou-me minha mãe alguns anos depois, ela falou para a minha avó: “Você não é velha e eu não estou grávida, nós vamos caminhar para onde vai a maioria!”. Elisabeta (grávida desde que lhes conto esta história) teve um certo pressentimento das coisas: escondeu os cabelos brancos da minha avó com um lenço, e ela, por sua vez, aproveitou-se da roupa folgada que usava, e assim foram adiante. Depois, passaram por um outro campo perto de Dachau e acabaram em Landsberg, um campo de trabalho muito conhecido porque os alemães que ali atuavam estavam construindo a maior fábrica de aviões da Europa: Weingut II. Eles adaptaram uma fábrica antiga, construída muitos anos antes da guerra, para um edifício com sete andares debaixo da terra, para protegê-la dos bombardeios. Eles pensavam que os aviões iam ser acoplados debaixo da terra e que, estando prontos, poderiam decolar daquele local direto para a guerra. Todo mundo sabe que a máquina de guerra alemã era muito bem-feita, ia ser direto.

Essa fábrica de Landsberg funcionava como um campo de trabalhos forçados. Essa fábrica não existe mais e, no local, havia um *bunker* que era mantido pelas forças aéreas alemãs apenas como um espaço simbólico, usado como depósito. A minha mãe trabalhou nessa fábrica junto com a minha avó, puxando pedras e preparando concreto para essa construção industrial. Muita gente se acidentava ao cair dentro – por abrigar sete andares debaixo da

terra. Ninguém foi salvo, quem caía era concretado dentro do muro. Acredito que há muita gente enterrada dentro dos próprios muros da construção.^A



Fábrica de aviões Weingut II. Landsberg, s. d.
Fotógrafo não identificado.

Disponível em: <<http://www.battlefieldsw2.com/ringeltaube-landsberg.html>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

A- Landsberg é a capital do distrito de Landsberg, região administrativa da Alta Baviera, na Alemanha. Está situada a 65 quilômetros de Munique e a 35 quilômetros ao sul de Augsburg. A cidade é famosa por sua prisão: foi ali que, em 1924, Adolf Hitler esteve preso (junto com Rudolf Hess) e escreveu seu livro *Mein Kampf* [*Minha luta*]. Landsberg também foi também berço da Juventude Hitlerista e um dos maiores campos de refugiados judeus após a Segunda Guerra Mundial, criado dentro de um campo de concentração militar existente ali. Em outubro de 1944, por ocasião da chegada da família Legmann ao local entre milhares de prisioneiros húngaros, esse campo comportava mais de cinco mil internos, a maioria vinda da União Soviética e dos Estados Bálticos.

Uma história singular

Por que esta história é uma história diferente? No fim de outubro de 1944, o médico de campo de Dachau fez uma busca em todos os 19 subcampos e achou sete mulheres grávidas, entre as quais estava minha mãe. Ele telegrafou para Auschwitz, informando sobre essas mulheres grávidas, pedindo instrução sobre como proceder com essas futuras mães. A resposta veio telegraficamente: “Faça o que você bem desejar, porque já estamos no fim de outubro”. Nesse momento, as tropas russas estavam chegando à Polônia, em direção ao campo de Auschwitz. Lembro que Auschwitz foi liberado pelas tropas russas. Ao ouvir isso, o médico achou por bem salvar essas sete mulheres com suas crianças que serviriam como um alibi caso ele caísse prisioneiro. Nesse

momento, sabia-se que, na direção de Dachau, vinham as tropas americanas do general Eisenhower.

Trago aqui algumas informações sobre esse médico para entendermos melhor o que aconteceu: ele, antes de ser comandante médico do campo de Dachau, havia trabalhado na França ocupada onde fez algumas selvagerias que depois foram descobertas. Além disso, havia perdido o filho em um bombardeio em Munique feito pelas tropas aliadas. Dachau fica a poucos quilômetros de Munique, a tal ponto que a rua que sai da estação central de Munique (que se chama Dachau Strasse) leva direto a Dachau: começa em Munique e termina em Dachau.

Entre aquelas sete crianças nascidas em Dachau, eu fui o primeiro a nascer em 8 de dezembro de 1944. Por isso na fotografia que vou mostrar depois, vocês podem ver que eu sou um pouco mais reforçado que os outros, pois tinha três meses de diferença do que o último que nasceu em 28 de fevereiro de 1945. Um dia, esse médico disse para a minha mãe que queria ver o filho dela. Após ver a criança (eu, nesse caso), ele fez uma proposta à minha mãe: “Você me dá o seu filho e eu o adoto”. Era uma escolha difícil! Se não desse, a criança poderia ser morta; se desse, o filho se tornaria um alemão nazista. Depois de três noites sem dormir, minha mãe decidiu não dar. Assim ela me relatou anos depois.

Nascidos em Kaufering, em Dachau

Essa é uma foto histórica feita dentro do subcampo de Kaufering, para onde o médico transferiu as sete mães grávidas que ali poderiam dar à luz, exatamente para servir de álibi. Comportou-se bem! Como nasci primeiro, eu era o mais gordo, além de ser bem loiro. Sou o primeiro à direita no colo da minha mãe. Nessa foto, aparecem apenas cinco crianças em vez das sete, mas há uma outra foto com todos os bebês e que também foi usada para compor um cartaz do filme que foi feito sobre esse caso. Duas mães eram tchecas e, uma semana depois, foram repatriadas pelo governo da Tchecoslováquia. Então, por isso só aparecem cinco crianças. A fotografia com as sete mães e os sete bebês foi tirada dentro da enfermagem do campo em Kaufering. Essa foto foi feita pelo Exército norte-americano e está em Washington, DC, no United States Army Museum.



George Legmann bebê no colo da mãe Elisabeta (à direita).
Fotografia feita por um soldado norte-americano dentro do barracão do subcampo de Kaufering, em Dachau, na Alemanha, na primeira semana de maio de 1945. Fotógrafo não identificado.
Reprodução doada por George Legmann ao Arqshoah-Leer/USP.
Acervo: Legmann/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Bebês recém-nascidos entre os quais está George Legmann com a mãe Elisabeta (do lado esquerdo, ao fundo, terceira mãe com o bebê colado ao rosto). Fotografia feita pelo Exército norte-americano. Subcampo de Kaufering, em Dachau, 1945.
Fotógrafo não identificado.
United States Army Museum – Washington, DC.^A

A- Inspirados nessa história foram produzidos o livro *Geboren im KZ. Sieben Mütter, sieben Kinder und das Wunder von Kaufering I*, de Eva Gruberová e Helmut Zeller (Verlag C. H. Beck, 2011), e o documentário *Geboren im KZ*, de Eva Gruberová e Martina Gawaz, que apresenta a história das crianças nascidas em Dachau, entre as quais está George Legmann.

Todas as sete mães eram judias. Dachau foi o primeiro campo montado na Alemanha, em 1932, e, quando os nazistas chegaram ao poder, eles usaram aquele local para encarcerar prisioneiros políticos contrários ao regime. Em seguida, foram encarcerados ciganos, Testemunhas de Jeová, homossexuais, padres católicos, gente do norte da África, de todos os países. Isso já durante a guerra. Tudo foi documentado pelos nazistas, pois a máquina alemã anotava tudo. Então, tudo, tudo está documentado, não foi destruído. Hoje existe um grande museu em Dachau, que era o campo principal com subcampos.

Vejam também o livro *Landsberg, um lugar como qualquer outro*, que trata da cidade de Landsberg, onde se construiu aquela grande fábrica de aviões e onde Hitler ficou preso após tentar dar o golpe entre 1923 e 1924.^A Um dia, minha esposa Irene e minha sogra estavam folheando esse livro e perceberam que ali havia uma foto muito antiga de 1945 onde aparecem minha mãe e eu. Irene me ligou chorando e disse: “Eu vi você, eu vi você!”.

– Você viu onde? – perguntei sem entender nada.

Prometeu que à noite iria me contar: “Vou te mostrar!”. Foi quando trouxeram esse livro – *Landsberg, um lugar como qualquer outro* –, que retrata a vida da cidade entre 1923 e 1958, escrito por diversos historiadores e cidadãos comuns. Tem documentos históricos, fotografias históricas, entre as quais está a de Hitler preso, atrás das grades, na cela onde escreveu o seu livro *Mein Kampf* [*Minha luta*]. E, além dessa, há uma outra foto histórica, hoje conhecida no mundo todo. Foi através dessa foto que minha esposa Irene nos reconheceu.

A- A tentativa de golpe liderada por Adolf Hitler que ficou conhecida como o *Putsch da Cervejaria* que terminou em completo fracasso. Hitler foi preso dois dias depois e processado e condenado em 1º de abril de 1924 a cinco anos de cárcere, dos quais cumpriu apenas nove meses na prisão de Landsberg. Deixou o local em 20 de dezembro de 1924 com um manuscrito ditado ao seu fiel seguidor Rudolf Hess. Nesse texto, depois publicado com o título *Mein Kampf*, Hitler anunciava seu projeto político para a Alemanha. O nacional-socialismo se apresentava como uma alternativa revolucionária ao comunismo bolchevique, indo de encontro às aspirações dos proletários, dos desempregados e dos *lumpens* alemães que rejeitavam seguir os bolcheviques russos, tidos por alguns germânicos como “gente inculta e desprezível”. A ascensão de Hitler ao poder em menos de oito anos deve-se antes de tudo às circunstâncias e notadamente à crise econômica de 1929, que interrompeu a recuperação econômica, social, política e cultural da democracia alemã nascida em Weimar dez anos antes. Com a multiplicação dos desempregados e o decorrente aumento da miséria, o Partido Nazista cresceu vertiginosamente.

Um médico, Dr. Vadas, judeu-húngaro, que estava no campo como prisioneiro ajudou as sete crianças a vir ao mundo. Como minha mãe deu à luz primeiro e tinha mais de idade que as demais, ajudou as outras mães a ter os seus bebês e assim por diante. Até o fim da guerra, elas ficaram no subcampo Kaufering. Nas fotografias podemos ver os barracões claramente. Os barracões eram idênticos em todos os campos. Uma das fotografias foi capa de uma revista impressa por ocasião do lançamento do filme *Nascidos em campos de concentração*. Esse filme foi feito por duas cineastas alemãs, um documentário muito conhecido, visto no mundo todo e que passou no Festival do Cinema Judaico aqui no Brasil.

Com a liberação, a liberdade

Terminada a guerra, quem liberou o campo? Isso é importante! No campo de Dachau, entraram os soldados norte-americanos, e, nos subcampos de Dachau, em toda aquela região, ingressou o 8º Exército norte-americano, comandado pelo general Eisenhower. Por que existem documentos? Porque o general Eisenhower gostava muito de cinema e levou o pessoal de Hollywood para documentar os fatos. Isso porque, quando a guerra começou, ele soube, através de informações militares, das barbáries que estavam acontecendo. Foi quando disse: “Isso tem que ser documentado para nunca mais ser esquecido!”. Esse foi um dos motivos por que Eisenhower chegou a ser duas vezes presidente dos Estados Unidos.

Quando as tropas americanas entraram no campo de Dachau, encontraram 18 mil corpos jogados ao ar livre, corpos mutilados.^A Mandou chamar o prefeito da cidade,

A- O campo de Landsberg foi libertado em 28 de abril de 1945 por tropas do Exército dos Estados Unidos, e, no dia seguinte, 29 de abril, libertou-se o campo de Dachau. Por ordem do comandante, general Taylor, as tropas ocupantes permitiram que a imprensa mundial tivesse acesso ao local e mostrasse ao mundo as atrocidades ali cometidas aos prisioneiros; o comandante também obrigou os alemães da cidade, civis e militares, a refletir sobre os crimes cometidos e enterrar os corpos encontrados com as próprias mãos. Após a guerra, o local foi transformado por algum tempo em campo de refugiados, atraindo a maioria judia dos “sem-teto” que vagava pela Europa. Ali, os judeus sobreviventes divulgavam a sua cultura, criando escolas religiosas, imprimindo jornais e administrando organizações para divulgação das observâncias religiosas judaicas. Nesse campo, trabalhou o pai de George Legmann, assim como Sami Feder, diretor de teatro polonês e sobrevivente do Holocausto, que ali manteve a sua companhia com apresentações que denunciavam o massacre. O local foi finalmente fechado em outubro de 1950.

mostrou os corpos e perguntou: “Você sabe o que aconteceu aqui?”. A resposta foi negativa, mas claro que eles sabiam! Em seguida, Eisenhower ordenou que chamassem os cidadãos da cidade para enterrar os mortos. O prefeito de Dachau se recusou, mas a ordem foi para cumprir em quatro horas. Caso contrário, iriam para o pelotão de fuzilamento, sem direito de julgamento: “Isso é crime de guerra”. Eles vieram e enterraram os mortos. Uma outra coisa que o general Eisenhower fez foi a primeira reza ecumênica que aconteceu no campo de Dachau envolvendo um rabino e um capelão que rezaram juntos com os soldados em homenagem aos mortos.^A

O médico que ajudou a salvar as crianças chamava-se Dr. Vadas, considerado um herói, pois não tinha instrumentos adequados para botar no mundo sete crianças naquelas condições. Todas sobreviveram e vivem até hoje. As tropas americanas deram muita atenção às sete mães e às crianças, pois elas foram uma grande surpresa: ninguém esperava encontrar crianças nascidas nos campos de concentração e naquelas condições. Os alemães nazistas não permitiriam isso. Imediatamente após a liberação de campo, um mês depois, todos nós (lembrando que duas mães foram imediatamente para a Tchecoslováquia) fomos levados para um mosteiro em Santa Otília, a 30 quilômetros de Dachau. Ali, as mães se recuperaram, permanecendo no local até fim de setembro. Tinham problemas dermatológicos e outros decorrentes de doenças infecciosas, e assim por diante. Sob esse aspecto, os soldados norte-americanos e as tropas de Eisenhower foram absolutamente impecáveis. Ali ficamos desde o final de maio até começo de outubro,

A- Testemunho do rabino militar norte-americano Eli Bohnen, que participou da reza ecumênica no Campo de Dachau, anotado em suas memórias. Assim ele descreveu a liberação do campo de concentração de Dachau, no dia 29 de abril de 1945: “Eu tinha vontade de pedir desculpas ao nosso cachorro por pertencer à raça humana. Quanto mais adentrávamos o campo de concentração e víamos os esqueletos revestidos de pele e as instalações características do campo de extermínio, tanto mais eu me sentia inferior ao cachorro, porque, como pessoa, eu pertencia à raça responsável por Dachau”.

Vozes do Holocausto

quando todas as mães foram consideradas pelos norte-americanos como “relativamente recuperadas”, ou seja, em condições de cuidar do seu destino. No nosso caso específico: tenho o certificado dado em inglês pelo doutor Grinberg, autorizando a nossa saída em 5 de outubro de 1945. Tenho ainda uma outra foto junto com as freiras, feita no mosteiro, em que aparecem as freiras e as enfermeiras que cuidavam da gente.



As mães com suas crianças após a liberação do campo de concentração de Dachau (Elisabeta, de saia xadrez, com o pequeno George Legmann, primeiros à esquerda). Hospital St. Ottilien, na Alemanha, julho de 1945. Fotografia não identificado.

Acervo: Legmann/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Meu pai, Josif Legmann, como eu disse anteriormente, ficou preso na Hungria, num campo de trabalho, e, com o término da guerra, foi liberado. Voltou para a cidade originária da sua família que, assim como em outras cidades, havia sido ocupada pelos nazistas e pela população judaica presa. Quem voltava do *front* ou de algum lugar onde foi prisioneiro, avisava os demais: “Eu vi fulano de tal no campo...!”. Um belo dia, apareceu uma lista na

comunidade judaica da nossa cidade – Cluj indicando que, no campo de Dachau, um prisioneiro havia visto Elisabeta Legmann, Regina Török, minha avó, e um bebê chamado George Legmann. Até então meu pai não sabia onde a gente estava. O encontro do meu pai com a minha avó Regina, com minha mãe e comigo foi algo diferenciado. Melhor não contar porque vou chorar. Imaginem vocês o que significou esse encontro. Meu pai tinha certeza que minha mãe havia morrido, pois estava grávida.

Ele havia sido nomeado responsável pela repatriação dos judeus do campo de Dachau. Ele chegou a Santa Otília, onde estávamos, no dia 9 de outubro, mas nós havíamos saído daquele campo no dia 6 de outubro indo em direção à Áustria (Viena). Meu pai voltou a rever minha mãe e minha avó e me conheceu em Viena, onde permanecemos mais uns quatro meses. Depois voltamos para a cidade dos meus pais, apenas nós. O restante da família havia morrido em Auschwitz. Recebemos os *laissez-passer* dados pelo governo militar norte-americano; aliás, todos foram dados pelas tropas norte-americanas porque eles comandavam isso por lá. Esse *laissez-passer* é um certificado histórico: está em nome da minha avó Regina que tinha número 1.034, no campo de Landsberg, datado em 17 de julho de 1945. O documento com o passe de saída da minha mãe do campo tem a data de 1º de agosto de 1944, anotado que o número da prisioneira era 86.878, sendo o mesmo do bebê que acrescentava a letra “A” no final.

Quando voltamos para Cluj-Napoca, todo mundo na rua falava assim: “Ah... Quem é o George do *Lager*?”. Ela sempre dizia que meu nome era apenas George e que George do *Lager* era apenas para dizer que nasci num campo de concentração. Tanto em húngaro como em romeno e alemão, dá para entender que a palavra *Lager* quer dizer campo. Existe um livro escrito em 2007 por uma historiadora que mora em Landsberg, que ganhou uma bolsa outorgada pelo Holocaust Museum de Washington. Ela escreveu a sua tese sobre Kaufering e Dachau, em que cita as histórias de todas as crianças, incluindo a minha.

A minha esposa Irene e eu estivemos – e vamos todos os anos quando eu posso – no ato de comemoração do dia da liberação do campo de Dachau, no último domingo de abril. Em 29 de abril de 2010, com a comemoração dos 65 anos da liberação do campo de

Dachau^A pelo 8º Exército norte-americano, fui convidado a proferir um discurso cuja cópia tenho aqui.^B

Brasil, opção para uma nova vida

Como nós chegamos ao Brasil?

Meu pai me conheceu em Viena, onde reencontrou minha mãe e minha avó. Meu pai contou que a casa que era da família havia sido totalmente roubada, assim como os móveis apropriados por outros e assim por diante. Meu pai – que se formou como economista na Universidade Bolyai que cursou em húngaro –, após a guerra, levou mais quatro anos para validar seu diploma em romeno na Universidade Babeş; hoje chamada Universidade Babeş-Bolyai. Quando em Viena minha mãe disse que não queria mais voltar para cidade, meu pai convenceu-a a mudar de ideia. Acabaram voltando porque minha avó queria voltar, pois tinha na sua terra natal os túmulos dos antepassados. E nós tínhamos as raízes na região entre a Hungria e a Transilvânia, onde viviam mais de 600 mil judeus. Hoje, na Romênia, há apenas oito mil que se consideram judeus, em um país que chegou a ter 250 mil. Na Hungria deve ter uns 40 mil judeus hoje.

Bem, a minha família acabou voltando para a Romênia, para a cidade Cluj-Napoca, em novembro de 1945. Em 1947, instalou-se o regime comunista. Meu tio Paulo Legmann (Laszlo) trocou de nome – ele não foi deportado porque conseguiu fugir da Hungria atravessando a fronteira –, e fugiu duas semanas antes da entrada das tropas hortystas e veio para o Brasil.

A- Após a libertação do campo de concentração de Dachau, os 32 mil prisioneiros que lá se encontravam em condições sub-humanas foram libertados em um espaço seis semanas. Para administrar a catástrofe e o caos da vida, formou-se um comitê de prisioneiros que se encarregou de evitar fugas e melhorar as condições dos campos. A libertação dos prisioneiros foi morosa, pois a situação exigia avaliação da saúde: além dos habituais problemas de desnutrição, havia dificuldade em arranjar transporte para os prisioneiros libertos que queriam retornar para a terra natal. Havia também uma epidemia de febre tifoide, doença causada pela *Salmonella typhi*, não relacionada com o tifo propriamente dito. Para evitar uma pandemia europeia, os sobreviventes foram alimentados, tratados e vacinados. A partir de 1948, o campo de Dachau foi usado como campo de refugiados até a década de 1960, quando se erigiu no local um memorial que hoje funciona como um espaço da memória para lembrar sempre.

B- Palavras de George Legmann: “Elas nos deram esperança de novo. Meu nome é George Legmann, sou filho da prisioneira número 86.878 do Dachau. O nome da minha querida mãe é Elisabeta Török Legmann. Sou fruto do amor dela com meu pai Josif Legmann. Explico desde já a razão pela qual eu falo em português. Após o regresso da minha família a Cluj-Napoca, devolvida depois da guerra aos legítimos donos, aconteceu o seguinte: em 1947, mais uma vez a vida mostrou que não seria fácil. O regime ditatorial comunista se instalou na região. Treze anos depois, em 1960, conseguimos juntamente com cinco famílias imigrar para o Brasil, onde fomos recebidos de braços abertos. O Brasil é minha pátria. Explicação exposta, peço licença para retomar a história que vim aqui para lhes contar”. Fragmento do discurso proferido por George Legmann no ato de comemoração dos 65 anos da libertação do campo de Dachau, em 29 de abril de 2010.

George Legmann

49/50
102709

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino


Nome por extenso **Elisabeta LEGMANN**
Admitido em território nacional em caráter **permanente** (temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9^o letra **—** do dec. n. **7.067** de 1945
Lugar e data de nascimento **Cluj-Rumania-23-fevereiro-1916**
Nacionalidade **rumena** Estado civil **casada**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Moise e Reghina TOROL** Profissão **prendas domésticas**

Residência no país de origem
NOME **Georgeta----** IDADE **10-10-1947** SEXO **feminino**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **0052567** expedido pelas autoridades de **Ministério do Interior da Rumania-Bucarest** data de **23-março-1961**
visado sob n. **338-1961**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Elisabeta Legmann

SELO CONS: 

Consulado **Embaixada** do Brasil em **Viena-Austria**,
6 de **Julho** de 19 **61**
O CONSUL: *Raul Bopp*
Embaixador

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

48
102708

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino


Nome por extenso **Josif LEGMANN**
Admitido em território nacional em caráter **permanente** (temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9^o letra **—** do dec. n. **7.067** de 1945
Lugar e data de nascimento **Cluj-Rumania-30-junho-1914**
Nacionalidade **rumena** Estado civil **casado**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Maximilian e Elena LEGMANN** Profissão **eletricista**

Residência no país de origem
NOME **-----** IDADE **-----** SEXO **-----**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **0052566** expedido pelas autoridades de **Ministério do Interior da Rumania-Bucarest** data de **23-março-1961**
visado sob n. **337-1961**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Josif Legmann

SELO CONS: 

Consulado **Embaixada** do Brasil em **Viena-Austria**,
6 de **Julho** de 19 **61**
O CONSUL: *Raul Bopp*
Embaixador

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

51
102710

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Gheorghe LEGMANN**
Admitido em território nacional em caráter **permanente** (temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9^o letra **—** do dec. n. **7.067** de 1945
Lugar e data de nascimento **Cluj-Rumania-18-dezembro-1944**
Nacionalidade **rumena** Estado civil **solteiro**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Josif e Elisabeta LEGMANN** Profissão **estudante**

Residência no país de origem
NOME **-----** IDADE **-----** SEXO **-----**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **0052568** expedido pelas autoridades de **Ministério do Interior da Rumania-Bucarest** data de **23-março-1961**
visado sob n. **339-1961**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Legmann Gheorghe

SELO CONS: 

Consulado **Embaixada** do Brasil em **Viena-Austria**,
6 de **Julho** de 19 **61**
O CONSUL: *Raul Bopp*
Embaixador

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fichas consulares de qualificação de Elisabeta e Josif Legmann (pais) e de George Legmann, emitidas pelo embaixador Raul Bopp, da embaixada do Brasil na Áustria. Viena, 6.11.1961.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Na Romênia, meus avôs paternos tinham uma pequena fábrica de chocolate, chamado Chocolate Royal, com apenas seis funcionários. Meu tio tornou-se o primeiro mestre *chocolatier* no Brasil, onde trabalhou dois anos nessa profissão.

Com o regime comunista, meus pais se inscreveram para emigrar para Israel, porque o ditador da época – que se chamava Dej – era um satélite do Stalin, um ditador ferrenho. Mas não conseguiram emigrar. Em 1960, o Brasil, através de uma Missão Santiago-Dantas, reatou as relações diplomáticas com a Romênia que tinham sido interrompidas em 1947, quando se instalou o regime comunista neste país. Para mostrar um ato de boa vontade em relação ao Brasil, o governo romeno daquela época autorizou 50 famílias a emigrar para o Brasil. E foi assim que nós viemos oficialmente da Romênia para o Brasil, atendendo ao convite do meu tio Paulo, que soube dessa notícia e nos avisou.

A viagem para o Brasil foi muito, muito interessante! Chegamos no navio Charles Tellier, em 6 de setembro de 1961, e paramos primeiro no porto do Rio de Janeiro. A entrada na baía é algo inesquecível... é uma maravilha, realmente. Não por um acaso é uma das maravilhas do mundo. Vimos de longe o Cristo Redentor com os braços abertos... Essa imagem ficou marcada para sempre! Lembro-me da minha mãe que, muito impressionada, disse: “Olha, está vendo, este país recebe todo mundo de braços abertos... quer dizer que viemos ao lugar certo!”. Eu, na verdade, não estava nem olhando para isso e nem minha irmã. Conosco, esqueci-me de falar, veio minha irmã Georgeta, que havia nascido em 1947 e que se formou arquiteta no Brasil. Hoje mora em Carmel, nos Estados Unidos. Minha avó Regina faleceu em 1954 e foi enterrada na Romênia. Meu pai faleceu em 31 de dezembro de 1996; e minha mãe, em 6 de setembro de 2003.

Do Rio de Janeiro, o navio veio para o porto de Santos que era o nosso destino final. Meu tio Paulo veio nos buscar e subimos para cidade de S. Paulo, aonde chegamos numa quarta ou quinta-feira, não me lembro exatamente. Fomos morar na Alameda Barão de Limeira, onde meu tio alugou um apartamento para nós, num prédio histórico, projetado pelo grande arquiteto judeu Warchavchik, hoje tombado como patrimônio histórico. Warchavchik ganhou prêmios internacionais, como arquiteto modernista que revolucionou a arquitetura no Brasil.

No domingo, começamos a ouvir um foguetório, parecendo um bombardeiro. Sem saber do que se tratava, telefonamos para o meu tio que falou: “Não aconteceu nada, vão se acostumando; o time de futebol do Corinthians acabou de marcar um gol”. Eu não sabia quem era nem o que era Corinthians, mas tudo bem. Porém, o susto que levamos sem saber exatamente o que iria acontecer. Essas são impressões imediatas de menos de uma semana no Brasil.

Assim que cheguei a S. Paulo, fui fazer exame de adaptação no Colégio Dom Pedro II, obrigatório para validar o meu diploma europeu. Passei em todas as provas, mas tive um pequeno problema, naturalmente, em português. Inscrevi-me no terceiro ano do curso colegial, na escola onde o meu professor de português – que D’us o tenha em bom lugar – era um cearense sensacional, ferrenho anticomunista. Depois prestei exame para a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI), onde me formei, e, depois, fui fazer outras coisas na vida.

É bom lembrar

Lembranças? Lembranças daquela época eu não tenho porque saí da Alemanha com menos de 1 ano de idade. Então, eu “não tenho lembranças”. Mas hoje, com 69 anos que completo daqui um mês, estive na Alemanha diversas vezes, visitei vários campos de concentração e, especialmente, o campo onde eu nasci e outros subcampos. Acho que tudo isso tem que ser digerido com o tempo. Ninguém esquece, nem eu que, quando saí do campo, não sabia de nada porque com essa idade de 1 ano você não grava nada. Sei da minha história pelo que meus pais e minha avó contaram e pelo que a história e os livros contam. O Holocausto é algo inadmissível, algo que ninguém pode esquecer. Quem passou por lá não vai esquecer nunca, tendo que conviver com esse trauma pelo resto da vida. Eu me lembro de que um dos traumas da minha mãe era o cheiro de cloro. Por quê? Porque nos campos tudo era desinfetado com cloro, e, então, quando ela sentia cheiro de cloro, imediatamente se lembrava do campo de concentração. Mas essas lembranças variam de pessoa para pessoa, são coisas que não devem ser desconsideradas. A minha avó, por exemplo, durante muitos anos, desde que saiu do campo, não podia mais comer batatas... Ela nunca mais comeu batatas.

Vozes do Holocausto

São coisas específicas, dependendo muito de indivíduo para indivíduo, mas todos guardam aquela mágoa, um sentimento de que “roubaram” uma parte da sua vida. Então, não adianta fazer indenizações monetárias. Há muita gente que diz: “Mas por que acha que devemos fazer tantos museus do Holocausto? Por que tudo isso deve ser revivido?”. Respondo que tudo isso deve ser revivido por um motivo muito claro: tem que ser mostrado ao mundo todo para isso nunca mais acontecer. É algo inadmissível que, em pleno século XXI, nós tenhamos outros genocídios. No século XX, tivemos o problema dos turcos que exterminaram os armênios e, há pouco tempo, Darfur, no Sudão, além dos grandes problemas na Nigéria, onde morreram mais de um milhão de pessoas porque um era de uma etnia e o outro de outra etnia; no Iraque continua até hoje o problema entre as duas etnias. Isso é algo inadmissível. Todo ser humano deve respeitar o outro, independentemente da cor da sua pele, da raça ou do credo. Ninguém pediu para nascer branco, negro ou amarelo. Mas o respeito ao outro não pode ser imposto à força. O ser humano tem que entender, por ele mesmo, que deve respeitar o próximo.

O momento muito forte em minhas lembranças é que nasci de uma mulher que tinha certeza que iria para câmara de gás, caso não morresse de fome antes, de alguma doença ou por problemas durante a gravidez ou pelos trabalhos forçados. Então, o primeiro milagre foi o momento que sobrevivi. E o outro foi que, durante o parto realizado naquelas condições inumanas, o médico húngaro (que era muito conhecido, muito bom) teve a destreza e talvez a ajuda de D’us, não sei exatamente de quem, de botar no mundo não só a mim, mas todas as outras seis crianças. Consegui o que parecia ainda mais improvável: sair vivo de lá e ainda no colo da minha mãe, a romena Elisabeta, na época com 28 anos de idade.

Os outros seis bebês estão vivos e moram nos Estados Unidos, no Canadá, na Hungria, na República Tcheca e em Israel. Quero dizer que, naquela situação, isso é algo inexplicável. E depois os próprios nazistas deixaram a gente sobreviver acreditando que poderíamos ser um alibi para eles. Imagino que eles poderiam ter exterminado todos! Assim como a maioria foi assassinada. Enfim, não temos outras notícias de mulheres grávidas que sobreviveram no campo de Dachau e nos 19 outros subcampos. E minha mãe sempre foi uma guerreira; só via as coisas boas nas pessoas, enfrentou todas as dificuldades sempre sorrindo e não conhecia a palavra “não”.

Aproveito para deixar aqui uma mensagem para as crianças que, como eu, nasceram em situações difíceis, em situações de risco. Acho que todo mundo tem que pensar positivamente. Lutar, lutar e lutar. As crianças e os jovens devem estudar, porque você só vence através do estudo, através do livro. Digo sempre que o sol nasceu para todos, e aquele que tiver paciência, perseverança e souber achar um norte – quando digo um norte significa estudar, estudar, estudar – sempre vai achar um lugar ao sol. Deve afastar-se das drogas, que só levam à decadência. Deve sempre tentar se apoiar em redes sociais sérias, agregar-se a projetos sociais sérios. A comunidade judaica brasileira para isso é um exemplo: mantém diversos projetos sociais, muito sérios que ajudam as pessoas, não apenas da comunidade. São iniciativas muito louváveis que acontecem independentemente do pensamento que cada um, da família de onde veio, com mais ou menos recursos. Seguindo exemplos positivos nossos jovens conseguirão vencer, com certeza.

É bom lembrar^A que no Brasil – por iniciativa de Miguel Krigsner, proprietário do Boticário – existe um Museu do Holocausto, instalado em Curitiba. Essa iniciativa global do Miguel Krigsner me deixa muito emocionado, pois esse espaço trata de lembrar tudo que aconteceu durante o Holocausto, além de ser também uma homenagem aos seus parentes que faleceram nos campos de concentração. O museu, assim como todos que existem em outros países, retrata tudo aquilo que não deve acontecer com nenhuma etnia, com nenhum povo em nenhum lugar do mundo. O acervo local abriga documentos históricos, entre os quais estão os originais que mostrei para vocês, retratando a história

A- “George sempre falou onde nasceu, mas ver tudo isso confirmado e sentir a dor do Holocausto é impressionante. Acho muito importante que as testemunhas falem e sejam ouvidas. Em ponto menor, mas não menos condenável, as torturas e mortes ocorridas no Brasil durante períodos autoritários também precisam ser contadas para que isso nunca mais ocorra. É por isso que Legmann continua a contar sua história mundo afora.” Palavras do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. “O bebê que sobreviveu ao campo de extermínio”, In: *O Estado de S. Paulo*, 27.01.2013. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,o-bebe-que-sobreviveu-ao-campo-de-extermio-imp-,989253>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Vozes do Holocausto

das sete mulheres grávidas que sobreviveram às atrocidades praticadas pelos nazistas em Dachau.

De 6 a 28 de abril 2013, por iniciativa de Miguel Krigsner^A, com curadoria do Museu do Holocausto de Curitiba, foi realizada, no Salão Negro do Congresso Nacional, a exposição “Tão somente crianças: infâncias roubadas no Holocausto”, contando a história das crianças no Holocausto. Um dos personagens sou eu cuja história está, em parte, retratada naquelas fotografias onde estou no colo da minha mãe.

A- Sobre o tema da exposição “Tão somente crianças: infâncias roubadas no Holocausto”: “A violência é, mundialmente, uma experiência devastadora para as crianças. A violência contra as crianças ao redor do mundo não pode mais ser admitida e a proposta desta exposição é, realmente, promover a reflexão do que pode ser feito para fazer a diferença e também para evitar que genocídios como o Holocausto voltem a acontecer. Destacando as crianças, discutimos qual sociedade estamos dispostos a proporcionar a elas”. Palavras proferidas no dia da abertura da mostra em Belo Horizonte por Miguel Krigsner, presidente da Associação Casa da Cultura Beit Yaacov, idealizador da exposição e do primeiro Museu do Holocausto no Brasil. Disponível em: <<http://www.bheventos.com.br/evento/10-28-2014-exposicao-tao-somente-criancas-infancias-roubadas-no-holocausto>>. Acesso em: 15 ago. 2017.



Painel da exposição “Tão somente crianças: infâncias roubadas no Holocausto”, organizada pelo Museu do Holocausto de Curitiba.

Após a abertura em 6 de abril de 2013, no Salão Negro do Congresso Nacional do Senado Federal, circulou pelas principais capitais brasileiras: Rio de Janeiro, S. Paulo e Porto Alegre.

Disponível em: <<http://www.brasilia.msz.gov.pl/resource/2c1360dc-a8fd-49a7-a604-0845bb8324af:JCR>>. Acesso em: 7 ago. 2017.